



Os vivos, os mortos e os não nascidos: as religiões consideradas mortas e o ensino de história

Cristine Fortes Lia*

Wellington Rafael Balem**

Resumo: O ensino de história das religiões é um grande desafio. O tema das religiosidades permanece, de forma confusa, associado ao ensino religioso, que reforça dogmas de fé. Além disso, existe uma tendência ao “presenteísmo” na análise histórica, deixando os temas ligados ao mundo antigo como assuntos de menor interesse. Assim, estudar e ensinar sobre as religiosidades antigas remete a falsa ideia do trabalho com “temas mortos”, algo inútil para a vida dos alunos. Este artigo evidencia a importância do estudo das religiões das civilizações antigas, desenvolvendo estratégias para seu ensino e identificando a sobrevivência cultural destas manifestações religiosas. Para isto foi realizada uma análise sobre a história das religiões e seu ensino; o significado das religiões consideradas mortas e o contexto no qual elas são abordadas em sala de aula e as estratégias para sua aprendizagem, bem como, a identificação de algumas destas crenças que sobreviveram dentro de uma nova lógica de significados.

Palavras-chave: Religiosidades. Ensino. Antiguidade.

Abstract: History of religions teaching is a great challenge. The theme of religiousness has remained confusing and associated with religious education which reinforces dogmas of faith. Furthermore, there is a tendency to “presentism” in the historical analysis, leaving the subjects of ancient world as topics of minor interest. Thus, studying and teaching ancient religiousness refer to a false idea of the work with “dead contents”, something useless to students' lives. This article evidences the importance of religions of ancient civilizations study, developing strategies to its teaching and identifying the cultural survival of these religious manifestations. For this, some aspects have been analyzed: history of religions and its teaching; the meaning of the religions considered dead and the context in which they are approached in the

* Doutora em História - PUCRS. Docente no Curso de História e Mestrado Profissional em História da Universidade de Caxias do Sul.

** Graduado em História – Universidade de Caxias do Sul – UCS.



classroom and the strategies to its learning, as well as the identification of some of these beliefs that have survived inside of a new logic meanings.

Keywords: Religiousness. Teaching. Antiquity.

A cultura escolar e o ensino da história das religiões

O estudo da história das religiões e religiosidades foi, durante um longo período, deixado de lado, por ser considerado um “tema menor” para a historiografia brasileira. Confundido, infinitamente, com o ensino religioso, foi, também, relegado a conteúdo sem importância nas aulas de história. Assim, dentro da rede escolar (e, também, muitas vezes, no espaço acadêmico) o ensino das religiosidades foi pensado ou como reforço de fé, na visão dogmática de alguma corrente religiosa, ou como as curiosidades referentes a determinadas civilizações. Quanto mais distante no tempo se encontrasse uma determinada sociedade, maior era o potencial do exótico aplicado às suas manifestações religiosas.

Nas últimas décadas, a produção historiográfica brasileira vem se dedicando com mais intensidade ao estudo das religiões e religiosidades. As pesquisas recentes, que buscam redimensionar a importância das referências religiosas para a interpretação das diferentes trajetórias históricas, ainda evidenciam a ausência de uma dinâmica conceitual própria. O campo da história produziu muito pouco, em nível conceitual, sobre as abordagens religiosas, o que gerou uma dependência conceitual de outras áreas de conhecimento (como a antropologia, a filosofia e a sociologia) que acabaram concentrando os estudos sobre o tema.

Além da fragilidade de base conceitual, o campo de estudos historiográficos sobre religiosidades no Brasil apresenta um significativo atraso se comparado aos estudos realizados na Europa sobre o tema. Com o processo de secularização da sociedade, os pesquisadores brasileiros se afastaram de temáticas que abordassem as experiências religiosas. Os pesquisadores europeus, ao contrário, acompanharam o processo de secularização social desenvolvendo pesquisas sobre as religiosidades. Os estudos brasileiros apresentam mais de um século de defasagem com relação aos realizados no continente europeu.

Contudo, devemos salientar que a disciplina de História das Religiões com suas cátedras, áreas de pesquisa e teorias surgiu na segunda metade do século XIX sob a influência do orientalismo, da filologia e da secularização da sociedade. O campo específico de estudo e pesquisas sobre temas religiosos foi então ocupando um importante espaço nas grandes universidades europeias e americanas. (SILVA, 2010, p. 206).



A pesquisa histórica sobre as religiosidades constitui atualmente um fértil campo de análises para os historiadores, que ainda tem muito a construir e a abordar. “Para o historiador das religiões, *toda* manifestação do sagrado é importante: todo rito, mito, crença ou figura divina reflete a experiência do sagrado e por conseguinte implica noções de *ser*, de *significação* e de *verdade*.” (ELIADE, 2010, p. 13)

Por outro lado, é possível identificar um lamentável afastamento entre o que vem sendo produzido pela academia e o que vem sendo ensinado nas salas de aula sobre o tema religião e religiosidades. A sala de aula, como foi dito anteriormente, ainda está apegada na reprodução da ideia de uma divisão das trajetórias históricas das diferentes sociedades; assim, busca identificar o que é mais importante nestes processos, sempre deixando como pouco significativo o pensamento religioso do grupo em estudo.

O ensino transformou a história das religiões em um gueto, em um espaço das compreensões do desnecessário, em um apêndice das explicações sobre as civilizações e suas manifestações culturais. A tendência em confirmar a secularização da sociedade promoveu um afastamento dos temas religiosos, condenados a marginalidade do conhecimento histórico, pela crença de não promover assuntos sem base científica na sala de aula.

Esta recorrente abordagem (na qual se estuda a economia, a sociedade, a cultura e o quadro de curiosidades, no qual estão os aspectos religiosos) promove um afastamento do aluno do tema das religiosidades, por incentivar a expectativa de que o universo da cultura religiosa não é explicativo sobre a civilização e que foi totalmente encerrado no período histórico estudado. O tema das religiosidades aparece na cultura escolar, em especial no livro didático, como parte da História Geral, alinhado cronologicamente com o encadeamento dos períodos estudados. Transparecendo a ideia de que a vida religiosa nunca ocupou lugar mais destacado na organização das sociedades. Pouco ou nada se fala sobre a religião modelando os comportamentos sociais.

Entender aspectos e a originalidade das religiões, as formas de mobilização e como se situam no tempo e no espaço, é tarefa urgente dos professores e educadores [...] As religiões raramente aparecem como objeto específico de estudos, sobretudo nos textos para o ensino básico. Temas como Reforma Protestante, Contrarreforma Católica, religiões orientais, judaísmo, islamismo etc, são tratados no contexto da História Geral. (SILVA, 2010, p. 206).

A opção em abordar a cultura religiosa como o exótico de uma civilização é recorrente no ensino de história. No ensino de História Antiga, na qual as religiosidades são analisadas sobre o prisma de uma espécie de “parte divertida” do conteúdo. Fala-se sobre as



mumificações do Egito dentro da lógica das diferenças, dos estranhos egípcios que faziam múmias, sem conferir o caráter da importância da crença de vida após a morte que organizava esta sociedade. Difícil fazer esta análise quando o foco é estabelecer a ruptura de pensamento entre as sociedades e não a continuidade.

No entanto, o foco fica centrado nas diferenças, na irracionalidade do politeísmo, dos sacrifícios, dos deuses com características humanas, etc. Mas, no Egito antigo como se explica a vida política separada da religiosa se o governante, o faraó, é a própria encarnação do divino?

O excesso de visão cronológica que ainda orienta o ensino de história proporciona um distanciamento ainda maior da abordagem de temas sobre religiosidades. As sociedades contemporâneas se percebem como secularizadas e por isso renegam valor a temas considerados sem sentido explicativo para o atual momento histórico. O ensino de religiosidades é, muitas vezes, percebido dentro deste contexto, que considera obsoleta a abordagem dos processos de crenças e mitos das civilizações, por serem temas cronologicamente distanciados do mundo contemporâneo. E, portanto, não constituem matriz explicativa para os acontecimentos do presente.

A desqualificação do passado, como experiência político-social, foi absorvida até por grupos influentes de intelectuais que passaram a vê-lo, quase exclusivamente como um conjunto de discursos dominados por improbabilidades, inverdades, versões e memórias. Instaurou-se o domínio do *presenteísmo*, como se nisso não houvesse o perigo das interpretações ideológicas ou construções explicativas descontínuas. [...] Temas recentes de História Imediata são mais prestigiados e acatados do que o estudo dos acontecimentos passados por significativos setores da pesquisa e do ensino, que pensam, assim, reagir contra o racionalismo positivista e marxista, ocultador das descontinuidades. Perigosamente a memória vem se constituindo na própria história [...] O presente passou a explicar-se a partir de si mesmo. (JANOTTI, 2006, p. 43).

Assim, o ensino das religiosidades do mundo antigo fica marginalizado dentro dos tópicos considerados importantes para a aprendizagem das civilizações do período. Contra esta abordagem explicativa contam todos os aspectos elencados: a antiguidade está, dentro de uma visão cronológica, muito distante da contemporaneidade; as religiosidades destas sociedades são consideradas o exótico e o irracional destas sociedades; o estudo em sala de aula da história antiga ainda foca na periodização fragmentada (em especial quando se utiliza do livro didático), como se as sociedades antigas se encerrassem em si mesmas, sem nenhuma



percepção do processo histórico, da ideia de continuidade, que é capaz de promover um aprendizado significativo em história.

As religiões consideradas mortas e seus significados

Nada marca mais a experiência histórica dos seres humanos do que suas manifestações religiosas. “Junto à capacidade de produzir e transmitir cultura, a experiência religiosa é a marca mais distintiva da humanidade. [...] A humanidade, neste sentido, pode ser definida como aquela parte do reino animal que se caracteriza pela religiosidade”. (FUNARI, 2009, p.07) A trajetória dos sujeitos históricos está na constante elaboração e reelaboração de seu universo mítico. A ideia de reelaborar não significa romper, pois, no mundo contemporâneo se encontram presentes diversos elementos das práticas espirituais da antiguidade. Este é o fascínio de compreender o processo histórico: enxergar sempre a continuidade e não a ruptura.

Mas o que seria a religiosidade? Como definir essa característica tão essencial do ser humano? Por outro lado, se a religiosidade constitui a essência do ser humano, ateus não pertenceriam a humanidade? Nada mais difícil de definir do que o essencial. [...] As manifestações religiosas são, pois, tão múltiplas e variadas como é diverso o ser humano, em suas inúmeras culturas, do presente e do passado. A grande riqueza humana consiste, precisamente, nessa diversidade. [...] Outras tantas experiências religiosas apresentam-se como distantes e próximas a um só tempo. [...] O que todas têm em comum é sua beleza e seu fascínio. Ao nos embalarmos no relato de cada uma delas, de forma quase onírica, é como se sonhássemos e nos transportássemos a outras épocas e outros sentimentos, tão próximos e tão distantes, que tanto nos podem tocar. (FUNARI, 2009, p. 08-09)

Quando reconhecida a importância do estudo das religiosidades, este se centra naquelas vertentes consideradas mais práticas e necessárias para a vida do estudante. É a constante problemática do presenteísmo, do abandono do passado mais distante por parecer ser menos significativo para o aprendizado do aluno. Assim, dentro desta lógica de aprendizado, a história das religiões fica direcionada aos processos religiosos que supostamente tem maior relação com a vida atual, como o estudo do cristianismo, das religiões de matriz africana, etc.

Não se questiona, em hipótese alguma, a importância do estudo destas vertentes religiosas, mas sim o equívoco de considerá-las mais relevantes, gerando o abandono de outras trajetórias religiosas, que permanecem na via do exótico, do curioso de determinada sociedade. Esta percepção que recai fortemente sobre as religiões consideradas mortas traz



inúmeros prejuízos para o aprendizado: constrói a ideia de que é possível elencar o que é mais válido para ser estudado; rompe com a visão de processo histórico, pois não permite a identificação das permanências das experiências vividas por outras civilizações; reduz o significado do campo das religiosidades para o ensino de história; “mata” a cultura das sociedades da antiguidade e cria a falsa compreensão de que as crenças espirituais são criadas com o passar dos tempos e não fruto de um constante processo de transformação das interpretações do divino.

Em suma, o sagrado é um elemento na estrutura da consciência, e não uma fase na história dessa consciência. Nos mais arcaicos níveis de cultura, *viver como ser humano é sem si um ato religioso*, pois a alimentação, a vida sexual e o trabalho têm valor sacramental. Em outras palavras, ser – ou, antes, tornar-se – *um homem* significa ser “religioso”. (ELIADE, 2010, p. 13)

Como observa Mircea Eliade (2010), a natureza religiosa não está determinada a uma experiência cultural específica, mas é uma constante na trajetória da cultura humana. Assim, todos os processos religiosos do passado estão em diálogo com as práticas religiosas e culturais do presente. E, nenhuma dessas experiências pode ser considerada mais significativa do que as outras, já que todas contribuem no constante processo do homem com o mundo do divino. “Às vezes, a importância de uma criação religiosa é revelada por suas valorizações posteriores.” (ELIADE, 2010, p. 14)

Nenhuma religião está verdadeiramente morta ou desaparecida, estão presentes em fragmentos das percepções do divino ou em detalhes da compreensão da natureza humana face às experiências espirituais. Como pensar, por exemplo, que os mitos gregos desapareceram das crenças contemporâneas? Como reduzi-los ao local do exótico do politeísmo, quando boa parte da nossa relação com o tempo do divino ainda está vinculada a ideia de tempo grega do mundo antigo?

Para os gregos da antiguidade, existiam várias experiências de tempo, um para os homens e outro para os deuses. Mesmo nesta interpretação muito simplista do tempo grego, merece destaque a ideia de que existe um lugar/tempo onde se encontram os vivos, os mortos e os não nascidos. Aqueles que não estavam passando por sua experiência no cronos, vivendo a cronologia da vida, e não tinham direito a usufruir o tempo dos deuses, encontravam-se entre os vivos, mortos e não nascidos. A trajetória no tempo cronológico era o que marcava a vida terrena.



O cristianismo se apropriou dessa ideia (e de outras), de forma que, ainda na sociedade contemporânea, morrer significa sair do tempo. As crenças gregas antigas não sobreviveram? Povos como os da região da Mesopotâmia olhavam para o céu e faziam profecias através do movimento das estrelas. Esta ideia desapareceu? Para estes mesmos assírios e caldeus, quando uma pessoa nascia uma nova estrela brilhava e, de acordo com o brilho dessa estrela, era possível medir a importância da pessoa. Esta crença não lembra uma narrativa religiosa muito cultuada? Os romanos comemoravam os feitos de Rômulo e Remo no mês de fevereiro; como não era uma comemoração de natureza religiosa plena (apesar de fazer parte do calendário religioso), eram chamadas de comemorações pagãs e duravam vários dias. Festas pagãs em fevereiro?

As religiões que o mundo esqueceu constituem um tesouro: um manancial de práticas, sentimentos e interpretações do mundo. Algumas delas formam parte de nosso repertório cultural e penetraram, às vezes de forma profunda, mas despercebida, nas nossas próprias concepções e sentimentos. As religiões dos sumérios, egípcios, gregos e romanos são exemplos claros disso, mas outras religiosidades menos freqüentadas, como o zoroastrismo e o gnosticismo, também entram nessa categoria. São maneiras particulares de encarar o divino, diversas entre si e das nossas, mas nelas reconhecemos muito do nosso próprio manancial cultural e religioso. Ressoam entre nós o Dilúvio sumério, a alma (ka) egípcia, o complexo de Édipo grego, o apego ritual romano, o dualismo entre bem e mal persa e os segredos religiosos do gnosticismo. (FUNARI, 2009, p. 08)

Dentro dessa visão das permanências religiosas e seus processos de constante criação cultural, serão analisadas algumas abordagens da sobrevivência de algumas crenças na contemporaneidade e como estas práticas religiosas podem ser apropriadas para o ensino de história.

Estratégias e ressignificações: o estudo da religiosidade egípcia na sala de aula

O interesse pelas religiões da antiguidade passa por duas vertentes. Uma delas é a História Religiosa, que destaca a importância dessa experiência como forma de autoafirmação do monoteísmo hebreu e, posteriormente, judeu, cristão e muçulmano. É tomada como uma espécie de fase primitiva, em uma clara ideia de evolução linear que vai do politeísmo para o seu superior, o monoteísmo. A outra é a História das Religiões e Religiosidades, cujo interesse não está, ou não deveria estar, na busca por legitimações ou legados. O interesse, mesmo que partindo de questões contemporâneas, entende as experiências religiosas dos antigos por sua singularidade e pela importância central que tem para o entendimento das



culturas e civilizações das quais fizeram parte. Assim, para o estudo das religiões e religiosidades antigas, é necessário que seja superado a visão reducionista, exótica, inferior que o Ocidente produziu sobre as culturas do Oriente, com intenções colonialistas (SAID, 2007).

O gosto pelas religiões e religiosidades antigas sempre despertou interesse do mundo Ocidental, mesmo que este só começasse a entendê-las no século XIX, quando as decifrações de algumas escritas do Oriente Próximo Antigo romperam com seu silêncio. Isso se materializou pela verdadeira caça ao tesouro que contribuiu para encher os museus da Europa e dos Estados Unidos de cultura material de um Mediterrâneo antigo exótico, distante e glorioso. O traslado de objetos e de ideias implicava em fazer com que eles permaneçam no cotidiano, mas com seus sentidos religiosos ressignificados. Para o caso do Egito, um dos casos mais evidentes no mundo contemporâneo, esse processo costuma ser chamado de *egiptomania*, definida por Margaret Bakos como “a reinterpretação e o re-uso de traços da cultura do antigo Egito, de uma forma que lhe atribua novos significados” (BAKOS, 2004, p.10).

O Egito é uma das temáticas das aulas de história que mais despertam interesse nos alunos. O interesse pela egiptomania pode ser a porta de entrada para o interesse em egiptologia ou outro ramo da história antiga. Eles já chegam carregados de informações que adquiriram através do cinema, da literatura, dos *games*. Essas informações provêm de discursos alternativos que disputam espaço com o histórico na sociedade e na sala de aula (PEREIRA; SEFFNER, 2008).

Uma característica desses discursos é a importância central creditada à religiosidade egípcia, bem como o seu aparato material, mesmo que isso seja feito de forma idealizada, preconceituosa, ou superficial. Isso é transportado para uma cultura que fabrica esses elementos da religiosidade que, do significado para o pós-morte, passam a ser utilizados nesta vida, como forma de ligação entre o mundo do além, ou algum mundo espiritual, com o cotidiano do novo usuário. Assim, por exemplo, pirâmides passam de complexos funerários e de culto ao morto a canalizadores e amplificadores de energia cósmica. A própria piramidologia, que ao requerer status de ciência, pesquisa metodicamente e divulga práticas nesse sentido desde o século XIX.

Uma vez que existe uma ampla gama de reprodução material da vida religiosa do antigo Egito, que pode ser particularmente encontrada em lojas de produtos esotéricos, um



novo campo de estudo e pesquisas se abre para ser desenvolvido em sala de aula. É possível analisar o que os próprios alunos, suas famílias, ou seus amigos colecionam sobre o Egito e o significado atribuído a esses objetos. Também pode-se buscar o significado original e o novo construído em torno das *ancks*, dos gatos e gatas, dos escaravelhos, das inscrições em hieróglifos, de representações de deuses em decorações, entre outros.

É possível expandir o recorte de análise e incentivar os estudantes a pesquisarem produtos culturais de maior circulação, como filmes, livros, revistas, ou os *games*, estabelecendo essa relação entre as práticas religiosas antigas e como elas estão sendo representadas. O objetivo principal disso não é encontrar erros de representação nas novas apropriações, nem buscar a suposta verdade por trás do elemento cultural antigo, mas evidenciar quais usos e quais intencionalidades têm as reconstruções que essa indústria cultural faz das religiosidades antigas. Tão relevante quanto isso é questionar os motivos, ou a quem interessa a presença desses traços culturais em nosso cotidiano, mesmo após milhares de anos.

O ensino de História das Religiões e Religiosidades pode ser tudo, menos doutrinador. Assim, em uma perspectiva comparativa, mas sem emitir juízos de valor, pode ser usado como forma de os alunos compreenderem as próprias religiões a que pertencem, as religiosidades que praticam, ou o fato de não pertencerem ou não crerem em nenhuma religião ou divindade. Isso deve ser feito de modo a incentivar o respeito à religião e à religiosidade particular do outro. Respeitar não implica em concordar, mas está diretamente ligado à necessidade da prevalência do direito de todos de praticarem a religião ou filosofia que melhor responda seus anseios, valorizando a diversidade e a convivência saudável com o diferente.

Também pode contribuir para a compreensão de que a experiência do sagrado não está necessariamente ligada a uma religião oficial, mas pode ter conotações religiosas devido à sua ritualização e até alguma escatologia, como escovar os dentes todos os dias. As ideias de religião e de religiosidade contemporâneos e ocidentais separam os momentos dedicados às atividades de devoção das atividades laicas. No mundo antigo, essa separação é muito mais difícil de perceber, pois há uma religiosidade ligada às práticas do cotidiano, as quais também possuem algum deus de referência. Nesse sentido, oportuniza-se aos estudantes o contato com outras formas de religiosidade, além do mundo judaico-cristão, como o exemplo do budismo e do hinduísmo, que ainda são praticados.



A religiosidade das práticas cotidianas do Egito antigo, por exemplo, passava pelo ato de escrever. O domínio da escrita, considerada criação do deus Toth, envolvia uma longa e difícil formação, mas necessária à manutenção do Estado egípcio. Após a última inscrição em hieróglifos no templo da ilha de Filae, no sul do Egito, em 394 d.C., essa escrita permaneceu silenciosa, misteriosa e campo de muitas especulações e tentativas fracassadas de decifração. Quando Champollion, em 1822, trabalhando no texto da Pedra de Rosetta, subsidiado pelo conhecimento em línguas antigas, os decifrou, tornou possível, não só ouvir a voz dos deuses antigos, como a utilização dos hieróglifos como recurso didático.

Os filmes de Stephen Sommers *A Múmia* (1999) e *O Retorno da Múmia* (2001), apresentam o contato com os hieróglifos transpassado pelo senso comum, onde a leitura do Livro dos Mortos traz de volta à vida na Terra a personagem principal, Imhotep. A popularidade desses dois filmes pode servir perfeitamente como uma síntese, despertando o interesse para a escrita egípcia, que em si, carrega um enorme potencial para o estudo da história da religião e da religiosidade no antigo Egito.

Com relativa facilidade é possível encontrar em livros ou na internet listas de pseudo-alfabetos com sinais hieroglíficos correspondentes ao alfabeto latino, bem como algumas regras básicas da escrita, com o uso de vogais e semivogais, o aproveitamento do espaço de forma equilibrada, o emprego de determinativos, etc. Algumas vezes, esse tipo de material costuma trazer alguns erros, e deve ser selecionado com cautela pelo professor (COELHO, 2012). Um uso eficaz em uma aula sobre a escrita egípcia é sobre a forma de oficina para a escrita do próprio nome com os hieróglifos e suas regras, problematizando o significado e o poder do nome pessoal na antiguidade e na atualidade.

Outro aspecto interessante a ser abordado através da História das Religiões e Religiosidades são os tabus sexuais da contemporaneidade. Devido ao processo de longa duração ao qual o imaginário judaico-cristão está inserido, a versão oficial sobre questões como iniciação sexual, prostituição, incesto, aborto, casamento, separação, sexualidades etc. é tida como natural, dogmática e não como situações historicamente construídas. Ao tomar o estudo da sexualidade na antiguidade, a qual está intimamente ligada às práticas religiosas e rituais, o aluno pode chegar a conclusão reducionista de que os antigos eram lascivos e promíscuos, pois analisa a questão sob a ótica do sexo para a reprodução.

Nesse sentido, corre-se o risco de ignorar, por exemplo, o papel da prostituição sagrada nos templos, de Persépolis à Cartago, através da qual era possível o contato com os



deuses pelo êxtase orgástico, situação que surpreendeu Paulo de Tarso em suas viagens, quando este normatizou a sexualidade cristã como forma de diferenciação dos pagãos; outro exemplo é o aspecto ritual e iniciático das orgias gregas e romanas ou o caráter religioso das uniões maritais incestuosas no Egito. Se for oportunizado ao aluno entender o dogmatismo desses tabus, ele pode ser capaz de ver e de viver sua própria sexualidade de forma a relativizar as culpas e os conflitos causados pela aproximação necessária da História às suas crenças.

Além disso, ao pesquisar as origens de algumas das próprias práticas religiosas dos alunos, a referência às culturas com as quais hebreus, judeus e cristãos entraram em contato fica muito evidente, pois nenhuma religião é totalmente original, sempre bebe de fontes anteriores a sua existência e se autoafirma a partir da alteridade. Nesse sentido, vemos a imagem clássica de Maria com Jesus criança em seus braços, como uma forma comum de representação da deusa Ísis e de seu filho Hórus. Assim, é interessante observar qual o novo sentido que a religião dá a esse símbolo e qual o seu significado para o crente ou o descrente.

Outro aspecto é observar que o “sétimo dia” de *Gênesis*, dia sagrado, é o sábado, o que instiga a tentar entender o uso dos domingos como dia sagrado para católicos, sendo que isso é uma clara referência ao culto de Apolo no momento em que o cristianismo estava se espalhando pelo Império Romano. Existem muitos mais exemplos, que podem ficar a critério da erudição do professor e da sua sensibilidade para identificar oportunidades de problematizações e para perceber o grau de maturidade de seus alunos para esse tipo de abordagem.

Ampliando novamente a escala de análises, é possível pesquisar os usos e as ressignificações que outras religiões e instituições fazem dos símbolos e das ideias provindas das religiões da antiguidade. Desde a década de 1990 tem crescido o número de movimentos religiosos *reconstrucionistas*, que buscam o universo místico e iniciático das religiões mortas anteriores ao cristianismo, aplicando deliberadamente esse simbolismo à contemporaneidade. Quanto a instituições mais antigas, também surgem instigantes e férteis possibilidades de estudo, como sobre as organizações fraternais, outrora organizadas sobre a forma de sociedades secretas, que tiveram e têm forte atuação na sociedade.

Uma delas é a Maçonaria, de origem nas ordens medievais de cavalaria, mas tradicionalmente relacionada com a personagem alegórica de um dos construtores do Templo do rei hebreu Salomão, Hiran Abiff, possui um forte apelo às religiões antigas. Outra é a



Ordem Rosacruz, de origem oficial do começo da época moderna, mas que reivindica uma origem nos círculos iniciáticos dos templo de Amarna, sob o faraó Akenaton. Ambas possuem um amplo aparato simbólico e ritualístico com referências frequentes ao mundo antigo, parte público, parte privativo, mas que pode ser estudado com os alunos.

Considerações finais

A abordagem do ensino de história através da experiência religiosa das civilizações antigas configura-se como um olhar ímpar para a aprendizagem das especificidades das culturas desse período. É uma maneira eficiente de se superar vários problemas do ensino de história antiga: desestimula o foco na narrativa cronológica, uma vez que a História das Religiões e Religiosidades pouco se enquadra na visão quadripartite da História, possuindo uma lógica processual própria; retomar as práticas religiosas, além do quadro de curiosidades das culturas antigas, uma vez que, desloca o eixo religioso para o foco da análise, evidenciando a importância central das práticas religiosas; supera a abordagem generalista, tão impregnada pelo discurso colonialista, pois mostra a especificidade e a singularidade de cada cultura.

Além disso, torna possível estudar, tanto a ausência, quanto a permanência de traços culturais das religiões e religiosidades antigas no cotidiano contemporâneo. Isso permite relativizar em sala de aula a idéia de religiões mortas, pois elas não são estáticas, estando sempre em processos de mudança e adaptação, mesmo que de forma lenta, até os dias de hoje.

Pode-se, ainda, ser gerada uma última problematização: as religiões do mundo antigo que recebem o rótulo de mortas estão de fato extintas ou apenas ressignificadas na contemporaneidade?

Referências bibliográficas

- BAKOS, Margaret. **Egiptomania**: o Egito no Brasil. São Paulo: Paris Editorial, 2004.
- COELHO, Liliane Cristina. Hieróglifos e aulas de História: uma análise da escrita egípcia em livros paradidáticos. **Revista Mundo Antigo**, v. 1, n. 1, pp.188-205, jun. 2012.
- ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas**, volume I: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- FUNARI, Pedro Paulo (org.). **As religiões que o mundo esqueceu**: como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses. São Paulo: Contexto, 2009.



JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. História, política e ensino. In.: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. **Anos 90**. Porto Alegre, v.15, n.28, p.113-128, dez. 2008.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Eliane Moura da. Estudos de religião para um novo milênio. In.: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

Recebido em Julho de 2013

Aprovado em Agosto de 2013